



Teatro Art'Imagem
113ª Criação | 2019

NOITES BRANCAS

de Fiódor Dostoiévski

estreia
14 nov
em cena até **17 NOV**
2019



Auditório da
Quinta da Caverneira
Águas Santas - Maia

M/12 | 90M aprox.

dramaturgia
e encenação
Pedro Carvalho

assistente
de encenação
Samuel Gomes

interpretação
Flávio Hamilton
Carina Ferrão

cenografia
e figurinos
Marta Silva

música original
Carlos Adolfo



Estrutura
Municipal



GOVERNO DE
PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

protocolo

MAIA
CULTURA



apolo



DOSSIER DE IMPRENSA

Pedro Carvalho Sobre o Espectáculo	3
José Leitão Direcção Artística do Teatro Art'Imagem	4
Samuel Pascoal Assistencia de Encenação	5
Flávio Hamilton Actor	6
Carina Ferrão Actriz	6
Marta Silva Sobre a Cenografia e Figurinos	7
Carlos Adolfo Sobre a Música	7
José Pereira Nota de Ensaio	8
Fiódor Dostoievski Biografia	9
Palavras que não foram a Palco	11
Biografias dos Criativos Convidados	13
Teatro Art'Imagem 2018/2021	15

Sobre o Espectáculo

Estas *Noites Brancas: Romance Sentimental das Memórias de um Sonhador* (1848) resultam de uma adaptação dramaturgica do romance homónimo do escritor russo Fiódor Dostoiévski.

Sob as noites claras de verão, um Sonhador perpétuo caminha solitariamente pelas ruas desertas de S. Petersburgo, alimentando, incessantemente, o seu imaginário com a energia que encontra na inanidade do que o rodeia. Esta comunhão onírica é subitamente interrompida quando, certa noite, este se depara com Nástenka, uma jovem rapariga que chora sob a ponte do rio Nieva. Depois de a salvar, oportunamente, de uma tentativa de abordagem por parte de um transeunte suspeito, ambos estabelecem uma ligação amistosa que descortina as estórias de duas vivências tão díspares, mas que ascendem numa atração mútua. Une-os uma espera inquietante, que virá a definir os seguintes encontros noturnos, carregados de revelações, ansiedades, sonhos, medos, e um confronto enigmático de paixões.

Dois actores, Flávio Hamilton (Sonhador) e Carina Ferrão (Nástenka), interpretam, assim, um jogo de suspensão, que coloca signos oníricos de uma dimensão poética em confronto com os cânones realistas da comunicação pragmática. Daqui, emerge, simultaneamente, a contracena com uma ausência de desígnios incertos, que traz uma sombra à brancura destas longas noites de verão.

Pedro Carvalho
Encenador

Texto **Fiódor Dostoiévski** Tradução **Nina Guerra e Filipe Guerra** Dramaturgia e Encenação **Pedro Carvalho** Assistência de Encenação **Samuel Pascoal** Interpretação **Carina Ferrão e Flávio Hamilton** Cenografia, Figurinos e Imagem de Cartaz **Marta Silva** Criação Musical e Sonoplastia **Carlos Adolfo** Desenho de Luz **Pedro Carvalho** Execução Cenográfica **Marta Silva e José Lopes** Costureira **Alexandra Barbosa** Apoio ao Programa Fundo Teatral Art'Imagem/C.M.M **Micaela Barbosa e José Pedro Pereira** Fotografia **Nuno Ribeiro** Vídeo **André Rabaça** Design Gráfico **Tiago Dias** Produção **Sofia Leal e Daniela Pêgo** Direção Artística do Teatro Art'Imagem **José Leitão**

M/12

80M

Temporada de Estreia

14 a 17 de nov 2019 - Auditório da Quinta da Caverneira – Águas Santas - Maia

11 jan 2020 – Teatro Sá de Miranda – Viana do Castelo

24 jan 2020 – Teatro Lethes - Faro

AS NOSSAS NOITES BRANCAS

Dizer que a terceira estreia do Teatro Art'Imagem deste ano de 2019 é uma adaptação de "Noites Brancas" Dostoiévski é, antes demais, um grande desafio proposto por Pedro Carvalho e aceite de bom grado e a sua apresentação em palco motivo de grande orgulho, por acrescentar o nome do autor de "Crime e Castigo" ao nosso historial de criações teatrais, a 113ª, cumprindo assim um dos pressupostos artísticos que norteiam os objectivos da companhia desde há 38 anos, "levar à cena e dar a conhecer através do Teatro os grandes autores da literatura e da dramaturgia universal".

Embora as noites de que se fala, geograficamente passadas em São Petersburgo, cidade que já se chamou Leninegrado, também são algo parecidas, para a gente do Teatro, como as nossas "Noites Brancas" ou então "noites em branco" onde, durante horas e horas numa sala escura, faça noite ou dia e quando lá fora está um sol radiante ou uma bela noite estrelada, preparamos, ensaiamos ou apresentamos as nossas peças no escuro do palco que só se alumia com a luz dos projectores e as vidas das personagens que criamos e que, como sonhadores que também somos e sofredores do mundo, cremos e temos a ilusão que contamos histórias de pessoas reais num espaço de ilusão, transformando-nos numa espécie de "emprestador de almas" e fazedores de novas utopias que oferecemos aos espectadores, armados de um discurso amoroso contraditório, entre a nossa solidão e o desejo de partilha, tecendo loas à nossa Nástenka, que aqui se chama Teatro.

Depois de, em 25 de Abril termos estreado o "Os Anos Que Abalaram (o nosso) Mundo! - Crónicas e Cenas do 25 de Abril" segundo andamento do tríptico "Identificação de um (o meu) País!", em 22 de Maio "Maclet de Shakespeare - Peça Coral", em 6 de Julho o espectáculo comunitário "Sonho de Uma Noite na Caverneira - Histórias e Lendas da Maia" e já na próxima semana, dia 14 de Novembro "Noites Brancas", estará cumprido (e até excedido) as três novas criações protocoladas para o segundo ano do programa quadrienal apoiado pela Direcção Geral das Artes (Teatro Art'Imagem - Memória(s), Território(s) e (R)evolução) que se alongará até ao final de 2021.

Desde o princípio e até ao final do ano estão ou estarão cumpridos também o Fazer a Festa - 38º Festival Internacional de Teatro para a Infância e Juventude, o 24º Festival Internacional de Teatro Cómico da Maia e o Maia ao Palco - Mostra de Teatro de Amadores/Primavera do Teatro, bem como mais de duas dezenas de acolhimentos de companhias profissionais de Portugal e Espanha na Programação Regular de Teatro na Caverneira, as quatro Oficinas de Teatro, as actividades do Fundo Teatral, tudo em colaboração e protocolo com a Câmara Municipal da Maia, mais a apresentação de cerca de 30 espectáculos em várias cidades do País e diversas regiões de Espanha...

Voltando à peça "Noites Brancas" término estas notas, enviando a todo o colectivo que construiu o espectáculo, desde os elementos residentes e colaboradores habituais, afinal a maioria mesmo que alguns ausentes há muito tempo, aos que pela primeira vez se juntam a nós, um caloroso abraço fraternal e um muito obrigado, aproveitando para fazer uma glosa da derradeira fala do Sonhador nesta versão cénica, também dedicada aos espectadores que assistirão à peça.

"Que seja límpido o vosso céu, que seja claro o vosso sorriso, que para sempre sejais louvados pelos minutos de alegria e felicidade que levastes aos nossos e outros corações!", com este acrescento do romance original, "Não basta um minuto inteiro de felicidade para encher a vida inteira de um homem?"

José Leitão
Director Artístico
Teatro Art'Imagem
5/11/19

Um périplo pela sintomatologia teatral de *Noites Brancas*

Senhoras e senhores, sabem o que é um sonhador? É o pesadelo de Petersburgo (...). Na sua delusão, ele perde completamente o sentido moral através do qual as pessoas são capazes de apreciar toda a beleza da realidade.

- Fiódor Dostoiévski, in *Gazeta de Petersburgo*, Junho de 1847

Eis o primeiro aspeto intrigante de *Noites Brancas* (1848): o paradoxo da sua criação. Não obstante as suas impugnações contra o “sonhadorismo”, Dostoiévski coloca como narrador autodiegético deste seu romance um Sonhador, evidenciando, assim, o gesto irónico com que assina esta obra. Esse mesmo gesto, também criativo, desenha, concomitantemente, artérias expressionistas, apetecíveis à consubstanciação de uma semiologia teatral. Suportam-nas um forte pulsar humanista, rico em imagéticas, metáforas e simbologias, com pérolas esconsas nas profundezas sibílicas do subtexto, e traços esfíngicos que interpelam. Após o esquadrihar destas substâncias diamantinas, procede-se ao seu refinamento, adaptando-as às imposições do mecanismo teatral; e eis-nos, por fim, com uma versão cénica em mãos: ponte para uma traduzibilidade no sistema cénico.

Há, ainda, outro elemento que estimula o Teatro a polinizar a prosa de Dostoiévski: a impulsividade genuína da sua escrita; uma escrita que se assemelha a um iceberg, na medida em que “para o autor, e depois para o ator, a palavra é a pequena parte visível de uma formação gigantesca que não se vê”, tal como define o encenador britânico Peter Brook. Trata-se de um invisível submerso eletrizado por inquietações, perturbações e atopias; sombras que atroam, de forma obsidiante, diversos protagonistas. E é na maneira como estes se emaranham nos seus próprios conflitos psicológicos e sociais que se evidenciam os sintomas de uma teatralidade.

A sensibilidade colossal destes protagonistas e o corpo venusto das suas narrativas adornam, igualmente, *Noites Brancas*. Aqui, num espaço etéreo, espriado pela solidão de candeeiros silentes, enlaçam-se dois antípodas, sob o olhar de tais testemunhas luminosas. De um lado, um Sonhador - rebento cândido e melífluo do onirismo, e refugiado bibliófago - e do outro, Nástenka - fuga do sonho, alter-ego da realidade normativista, e mártir da suspensão da espera. Deste antagonismo ascende o dilema dramático de duas norteações inquietas e díspares entre si, que edificam uma montanha russa de expetativas, e cujo reencontro é essencialmente firmado por uma espera: “ela irradiava felicidade, esperava pela resposta. A resposta era ele. (...) O amor dela por mim, mais não era, afinal, do que a alegria do seu encontro próximo com o outro (...)”. E assim se justifica a ajuda sacrificial que o Sonhador presta a Nástenka, quando faz com que a bússola desta permaneça apontada numa direção oposta a si - um atentando à própria paixão, sim, mas garantia de um contacto contínuo. Por aqui se manifesta o mecanismo tortuoso da ação e a inexorabilidade dramática de um vínculo que cresce, complexamente, em torno de uma motivação que lhe é deletéria: “ele” - uma sombra na claridade destas noites veranicas.

Em *Noites Brancas*, cintila, igualmente, a anatomia do “sonhadorismo” – *persona non grata* ao batimento cardíaco societário, suportabilidade de uma solidão existencial, chama no pavio da sobrevivência emocional, e culto aos espectros mentais, que, de forma vulpina, entretêm a palpabilidade sedenta. Mas eis que “dois minutos” bastam para que o real revele ao “sonhadorismo” toda uma tentação transformadora, que acaba por impeli-lo a avançar por entre contrariedades e estalos de consciência dolorosa. Aquilo que parecia ser uma vida condenada à solidão imutável do seu onirismo, acaba subvertida no espaço de um instante. O Teatro acontece precisamente aqui, no momento em que uma rotina é quebrada.

Por fim, expresso um sentido agradecimento ao Pedro Martins e ao Sérgio Pires por todas as conversas envolventes, meditativas, e instrutivas sobre Dostoiévski e a sua obra.

Samuel Pascoal
Assistente de Encenação

Actor

Levariam as flores

A cidade está em início de partida.
Partem os carros, barcos também. Partem todos.
De partida, as pessoas; pessoas que também são esses todos.
Partem mãos. Flores. Mãos e flores do tempo.
Flores que a mãos agarradas, também a elas se agarram em partida.
Não há sinal de pombos. Não se nomeiam asas ali. Há um anjinho, porém.
Casas mudam de cor. Talvez decaia um império de bárbaros.
Bêbados em nome próprio cambaleiam donzelas solitárias e tristes.
Ouve-se, acima de um espelho líquido, choro sufocado.
Talvez amor: dor ascendente; parente próximo.
Talvez o actor.
O actor acende uma floresta pública. Trespasa a página. Imagina-se cidade, candeeiro, barco, vela que torna.
O actor é contra a corrente que foge, lisa, rumo à foz.
Não se nomeiam asas ali. Apesar do anjinho, porém.
O actor, no entanto, é antinomia. Pendura-se nas asas. Salta para a boca aberta do precipício.
Como saber que não foi engolido por ele?

Flávio Hamilton
Ator

Actriz

Um instante Branco

Um espaço branco, intermédio. Essa fração de segundos vácuos entre dia e noite - essa "claridade penumbrosa" - entre palavras, as ditas, as escritas, intercetadas, as que são ouvidas ao longe e nunca de perto. Um instante apenas separa o sonho da realidade, da - não menos bela, mas certamente mais agonizante - queda. Um arrepiamento vertiginoso que desintegra o imaginário galopante, que rumava desenfreadamente ao encontro do real, e ao contrário.

É nesse instante branco, ao rodopiar nessa mesma rua, nessa mesma cidade, nesse mesmo palco, primeiro silenciosos, depois tumultuosos, que começa a despertar na carne, na voz do ator, no espetador, em Nástenka, no nosso Sonhador, uma sinfonia íntima pautada por uma teia de miragens onde se embaralham, ator-espetador, Nástenka-Sonhador, um e outro, um ao outro.

Assim se desvenda, se desbrava a eternidade que cabe nesse só instante branco. Assim se entregam à fantasia num calafrio febril e se suspende a respiração ao beijar esse instante antes que ele possa desvanecer. É nesse instante que se immortaliza Noites Brancas.

"(...) lembre-se e goste da sua
Nástenka"

Carina Ferrão
atriz

Sobre a Cenografia e Figurinos

O ambiente aqui retratado explora a memória deste escritor solitário que vive num sonho. Estamos perante uma adaptação de um romance para teatro, e o espaço cenográfico propõe a simplicidade necessária para manter essa atenção no texto e nos detalhes da narração. Sem a intenção de chegar a uma proposta simbólica da cidade, para a Cenografia foi importante considerar que havia um lugar-comum, onde tudo se passava na rua; em lugares públicos conhecidos por não-lugares, onde a catarse dos sentimentos e dos factos é revelada sem o mínimo de pudor. Idealizei um conjunto de candeeiros variados e distorcidos, que se mantinham acesos nestas noites claras que lembram o dia e que confundem o lugar do sonho com a realidade.

Nástenka, a mulher dos sonhos deste escritor, é também uma memória que surge junto dos candeeiros — cúmplices das confidências vividas em cada lugar da cidade (no texto, S. Petersburgo). Relativamente ao desenho de figurinos, foi explorada a dualidade entre o sonho e a realidade: Nástenka pertence ao sonho, de um tempo anterior não datado, mergulhado no sonho e na memória de quatro noites intensas e passadas; já o escritor é um apaixonado, que se confunde nesse sonho e não precisa da realidade.

Marta Silva

Sobre a Música

Qual o valor de um único beijo?

No Teatro, a música deve ser funcional. A sua linguagem sonora e rítmica, que também lhe confere personalidade, narra uma determinada estória segundo uma dramaturgia conjunta. Nesse sentido, o desenho de som não pode ser egoísta. Precisa de ter uma visão abrangente, de dialogar com as outras vertentes de criação artística. É por isso que, a meu ver, a música só cumpre o seu papel em Teatro quando o espetador não dá por ela, isto é, quando este a receciona no embalo da magia cénica, sem lhe perceber um isolamento. Para esse efeito, o desenho de som compromete-se com a delicadeza, e nada melhor do que um universo ficcional como o de *Noites Brancas* para testar esse compromisso.

Senti que este texto era já muito autossuficiente na sua riqueza, e que, por conseguinte, a sua manifestação musical não poderia ser nem exuberante nem numerosa. O espírito destes textos exige um poder de síntese absoluto nos seus contornos sonoros; desafia a apontamentos cirúrgicos, sucintos, mas, igualmente, significativos e expressivos. A profundidade intimista de *Noites Brancas*, já preconizada pela própria encenação, sugeriu-me uma traduzibilidade sonora clássica, uma tonalidade frágil que transmitisse o traço quebradiço dos protagonistas desta estória, e respeitasse, simultaneamente, a simplicidade minimalista da dinâmica. A sonoridade deveria ser capaz de personificar a poesia e a fragilidade que compõem o carácter destas personagens. Surgem, ainda, outras variações musicais, com a função dramática de sublinhar, preparar ou antever tensões de cena. Um tilintar sonoro, que em muito expressa a fantasia de uma certa criança, também adorna, aqui e ali, o ambiente, e invoca esses recantos oníricos da alma; recantos onde se sonha com o valor de um único beijo.

Carlos Adolfo

A vida é Sonho?

Na sua 113ª criação, o Teatro Art'Imagem decide regressar aos autores russos. Depois de Tchekov ("Os Malefícios do Tabaco"), em 1985, e Tolstoi ("Babine, o Parvo"), em 2006, agora surge-nos a adaptação de "Noites Brancas" de Fiódor Dostoiévski. Este texto narra a experiência de quatro noites na vida dum sonhador sem nome que deambula por São Petersburgo durante a época das "noites brancas": fenómeno caracterizado pelo facto de não chegar a anoitecer completamente uma vez que o sol nunca passa a linha do horizonte, criando-se assim um tom ciano e ambiente onírico que alimentam o imaginário do protagonista. Esta figura do sonhador, diferente daquelas pelas quais Dostoiévski é mais famoso, apresenta-se ao espetador como uma amálgama dum *Flanêur* baudelairiano e herói romântico inglês: um personagem que é, ao mesmo tempo, conhecedor das ruas pelas quais vagueia (chegando até a caracterizar as casas dos locais como se fossem seus transeuntes) e, tendo sido rejeitado pela sociedade, se centra em si mesmo para criar a sua realidade. Contudo, a narrativa foca-se nuclearmente na relação que este personagem estabelece com Nástenka, uma jovem rapariga com quem ele se depara na primeira noite da sua narração.

Os dois personagens, trazidos à vida por Flávio Hámilton e Carina Ferrão, iniciam, no seu primeiro encontro, uma dicotomia e distanciamento que, ao longo das cenas, se vão gradualmente esvanecendo mas no final regressam de rompante. O sonhador apresenta-se, na sua relação com Nástenka, como um indivíduo apressado, desesperado e submisso, enquanto a jovem demonstra um elevado nível de compreensão, paciência e empatia. Tudo isto é auxiliado e potenciado pela encenação de Pedro Carvalho, o qual, com o apoio da cenógrafa Marta Silva, opta por um cenário completamente branco povoado de postes de eletricidade, sendo que um deles engenhosamente se dobra de modo a não só simbolizar a ponte onde inicialmente os personagens se encontram, como também servir de assento para os mesmos conversarem noite após noite. A alvura do cenário, reforçada pelo título e a descrição que o protagonista faz de si próprio enquanto "sonhador" possivelmente criará no espetador dúvidas relativas à veracidade dos acontecimentos com os quais se deparam. Será que o sonhador vagueou por São Petersburgo durante quatro "noites brancas" ou apenas passou quatro noites "em branco" a deambular por entre delírios oníricos? Como o próprio protagonista diz a Nástenka: "(...) ponho-me a pensar que nunca serei capaz de começar a ter uma vida verdadeira (...) Entretanto, (...) vejo como vivem as pessoas – vivem na realidade". No final, podemos sair desta peça a questionar o título de outra: será que, na verdade, como diz o título da famosa obra de Calderón de la Barca, "La vida es sueño"?

José Pedro Pereira

Formado em Estudos Anglo-Americanos
pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Fiódor Dostoiévski (1821-1881)



Um dos maiores escritores russos de sempre. Nasceu em Moscovo, e morreu em São Petersburgo.

Foi escritor, filósofo, jornalista e um grande pensador na história da humanidade. Estudou engenharia na Academia Militar de São Petersburgo mas desde muito novo que teve contacto e absorveu as grandes obras literárias francesas. Produziu: romances, novelas, contos, memórias, artigos jornalísticos e críticos.

O seu primeiro romance, escrito em 1845-46, «Gente Pobre», foi amplamente elogiado, e depois de muitos outros títulos intemporais e mundialmente conhecidos («Crime e Castigo», «O Idiota», etc), foi com «Os irmãos Karamazov», último romance escrito pouco antes de sua morte, que este se consolidou como um dos maiores escritores de todos os tempos.

Em 1849, um ano depois da escrita de «Noites Brancas», foi preso por estar associado a alguns grupos radicais revolucionários da Intelligentsia russa e conspirar contra o Czar. Quando dessa acusação, foi condenado á morte por fuzilamento, sentença essa que viria a ser perdoada em troca de trabalhos forçados. Curioso o perdão ter surgido apenas (ou pelo menos propositadamente) minutos antes de ser colocado frente ao pelotão de fuzilamento, revelando-se num momento de «quase morte» para o autor. A primeira prisão foi em Tobolsk, onde cumpriu pena de trabalhos forçados, depois Omsk, ambos na Sibéria. Dentro destes campos penais Dostoiévski manteve uma postura revolucionária associando-se a vários movimentos e grupos de protesto. Em Omsk, sofre o primeiro ataque de epilepsia, maleita que mais tarde, em 1854, o vem libertar da prisão e o envia para servir no exército russo, permanecendo por 4 anos na fortaleza de Semipalatinsk, no Cazaquistão. Em 1857, reinicia a sua produção literária com grande fulgor, casa-se com Maria Dimiutriévna, com quem se mantém casado até á morte desta em 1864. Em 1860, publica juntamente com seu irmão

Mikhail a revista literária Vremia, onde inclui as suas próprias obras. Em 1863, o governo russo cancela a publicação da revista, devido a acusações por conspiração contra o governo, mas os dois irmãos regressam com uma segunda publicação, a Epokha. Em 64, seu irmão Mikhail morre e em 65, a revista publica o seu último número.

Em 1865, após os acontecimentos trágicos na família (morte de sua mulher e do irmão), Dostoievski afastou-se da agitação social e política e entrou num isolamento que o leva a uma fase artística introspetiva. Em 1866, viria a casar com Anna Grigorievna Snitkina (Anna Dostoievskaia) e, no ano seguinte, inicia uma grande viagem com a família pela europa. É neste período, que inicia a escrita da grande obra «O Idiota» que virá a ser publicado na revista «O Mensageiro Russo», em 68-69.

Em 1871, Dostoievski regressa á Rússia, mais especificamente a São Petersburgo e em 72, muda-se para Staraia, pequena cidade localizada no Rio Polist. Passados dois anos, envolve-se com a revista russa «O Cidadão», da qual se torna seu editor e responsável pela coluna «Diário de um escritor». Esta coluna, mais tarde, autonomiza-se da revista, e é interrompida entre 74-76 (devido ao aparecimento dos primeiros sintomas do enfisema pulmonar, viaja para a Alemanha, para tratamento médico), e, ainda, entre 78-80 (devido à morte do seu filho Aleksei). Surgem, em 1878, os primeiros rascunhos da sua obra prima «Os Irmãos Karamazov», que viriam a ser publicados em 1879, na revista «O Mensageiro Russo».

Ainda em 1880, regressa aos escritos de «Diário de um escritor» e, em janeiro de 1881, morre de uma hemorragia pulmonar.

Obras:

1846 – Gente pobre; O Duplo; Senhor Prokhardtchin

1847 – Romance em nove cartas; A senhoria

1848 – Noites Brancas; Polzunkov; Coração fraco; O ladrão honesto; Uma árvore de natal e uma boda; A mulher alheia e o marido debaixo da cama;

1849 – Netochka Nezvanova; O pequeno herói

1859 – O sonho do tio; Aldeia de Stiepanchikov e seus habitantes

1861 – Humilhados e ofendidos

1862 – Recordações das casas dos mortos; Uma história desagradável

1863 – Notas de Inverno sobre Impressões de Verão

1864 – Notas do subterrâneo

1865 – O crocodilo

1866 – Crime e castigo

1867 – O jogador

1869 – O idiota

1877 – O eterno marido

1872 – Os demónios

1873 – Bobock

1873/78 – Diário de um escritor

1875 – O adolescente

1876 – O mujique Marei; Uma criatura gentil

1877 – O sonho de um homem ridículo

1881 – Os irmãos Karamazov

1877 – O sonho de um homem ridículo

1881 – Os irmãos Karamazov

PRIMEIRA NOITE

“Quase travei amizade com um velhote que encontro todos os dias sem falta, à mesma hora, à beira do Fontanka. (...) Também ele reparou em mim e manifesta para comigo uma atenção cordial. (...) Por isso, às vezes, por pouco não nos pomos às vérias um ao outro, especialmente quando estamos ambos bem-dispostos. Uma vez, pouco tempo atrás, como estivéssemos dois dias sem nos vermos e só ao terceiro calhasse encontramo-nos, já ambos levávamos as mãos aos chapéus, mas, graças a Deus, caímos em nós a tempo, baixámos as mãos e passámos um pelo outro educadamente.”

“Se se abria uma janela, depois de uns dedinhos finos e brancos como açúcar terem tamborilado no vidro, e se uma cabecinha bonita assomava a ela chamando o vendedor de vasos de flores, logo se me afigurava que aquelas flores não eram compradas para a finalidade com que normalmente se compram as flores, ou seja, para alguém se deliciar com a Primavera (...), mas porque alguém se ia mudar para a casa de campo e levaria consigo as flores.”

“(...) quando olhava para os barcos também atulhado de trastes caseiros, deslizando pelo Nevá ou pelo Fontanka até ao rio Tchiórnaia (...) – tanto carroças como brancos, a meus olhos, se decuplicavam, se centuplicavam; parecia que toda a gente se levantara e partia de viagem, que tudo se mudava em caravanas inteiras para as casas de campo; parecia que toda a Petersburgo ameaçava tornar-se um deserto (...)”.

“Lembra-me aquela rapariga definhada e enfermiça para quem olhamos umas vezes com comiseração, outras com uma espécie de amor compassivo, mas a quem, o mais das vezes, não prestamos atenção, e que de repente, por um único instante, se torna divina, indubitavelmente bela, e então nós, espantados, maravilhados, perguntamo-nos: que força fez que lhe brilhassem com aquele fogo os olhos tristes e cansados? (...) O que lhe vestiu de paixão os enternurados traços do rosto? (...) O que chamou a força, a vida, a beleza ao rosto da rapariga, o que lho fez brilhar com aquele sorriso, animar-se com aquele riso irradiante, resplandecente? Mas o instante passa e, o mais certo, é vermos-lhe amanhã no olhar perdido a mesma melancolia, vermos-lhe o mesmo rosto pálido, a mesma submissão e timidez dos gestos, e até um arrependimento, até vestígios de desgosto, de mortífera náusea pela paixão momentânea...”

SEGUNDA NOITE

“E por que é que o companheiro (...) faz a comparação, distante que seja, da fisionomia do seu interlocutor (...) com a imagem de um gatinho desgraçado a quem as crianças manipularam, assustaram e maltrataram de toda a maneira e feitio (...), então o gatinho, conseguindo fugir delas e esconder-se debaixo da cadeira, no escuro, vê-se obrigado a eriçar o pêlo, a bufar e a lavar o focinho ofendido com as duas patas durante uma hora inteira e, depois disso, ainda continua durante muito tempo a olhar com hostilidade a natureza e a vida, e até a guloseima da mesa senhorial que a compassiva governante guardou para ele?”

“Agora, querida Nástenka, sinto o meu espírito igual ao do rei Salomão, que passou mil anos dentro de um cofre selado com sete selos e a que finalmente quebraram os selos.”

“É rico, agora da sua *vida peculiar*, tornou-se rico de repente, e não foi por acaso que o raio de despedida do sol a apagar-se brilhou com tanta alegria para ele, chamando ao coração aquecido todo um enxame de impressões. (...) [E] quem sabe, talvez o tenha levado pela sua mão caprichosa ao sétimo céu de cristal, bem longe do excelente passeio de granito pelo qual está a caminhar para casa.”

“Porém, uma sensação obscura, uma dor surda a levantar-se no seu peito, um novo desejo, já lhe titila e excita sedutoramente a fantasia, um imperceptível apelo a toda uma chusma de novos fantasmas.”

“Olhe para esses fantasmas mágicos que, de modo tão divino, tão caprichoso, tão vasto, tão infinito, formam diante dele um quadro milagroso e cheio de vida, onde em primeiro plano, como personagem principal, está sem dúvida ele mesmo, o nosso sonhador, na sua própria e querida pessoa. (...) Vai talvez perguntar: com que sonha ele? Com tudo...”

“E... oh, deuses!, não foi a ela que ele encontrou depois, longe das margens pátrias, sob um céu alheio e sob um sol abrasador, na divina cidade eterna, no brilho de um baile ao som estonteante da música, num *palazzo* (num *palazzo*, obrigatoriamente) banhado por um mar de luzes, naquela varanda coberta de mirtos e rosas, e não foi ela quem ao reconhecê-lo, tirou muito depressa a máscara e, sussurrando-lhe «estou livre!» e tremendo, se lançou aos seus braços, soltando um grito de felicidade (...)”

“Entretanto, ouço como marulha e gira no turbilhão da vida a multidão humana, ouço, vejo como vivem as pessoas – vivem na realidade; vejo que para elas a vida não é proibida, que a vida delas não se vai desvanecer como um sonho, como uma visão, que a vida delas é eternamente renovada, sempre jovem, e nenhuma hora da vida delas se parece com outra hora; ao passo que é tristonha e monótona até à vulgaridade a tímida fantasia, escrava da sombra, escrava da ideia, escrava de uma qualquer nuvem tapando subitamente o sol e apertando de mágoa o coração verdadeiramente petersburguense, que dá tanto valor ao seu sol... E, na mágoa, que fantasia poderá haver?”

TERCEIRA NOITE

“(...) como se um minuto tivesse de durar toda a eternidade e como se toda a vida tivesse ficado imóvel para mim...”

MANHÃ

“Meu Deus! Um minuto inteiro de felicidade! Será pouco, mesmo que tenha de dar para toda a vida de um homem?...”

*Termo utilizado em Teatro para definir o momento em que o ator se esquece do texto.

Carina Ferrão nasce em Coimbra, 1996

Atriz

Desde muito cedo participa em projetos da companhia profissional O Teatrão, sediada na Oficina Municipal do Teatro, Coimbra. É com esta mesma companhia que se estreia em *Coimbra 1111* (2011), seguindo-se *Às Escuras* (2012), *Arruinados em 3 Atos* (2013), entre outros.

Em 2014 muda-se para o Porto. Aluna de Interpretação na ESMAE, Carina Ferrão foi já dirigida por Rodrigo Malvar e Susana Madeira (*Placa*, 2015), Paulo Calatré, Pedro Penim (*Je Suis?*, 2015), António Durães (*Hamelin*, 2016), Óscar Codesido (*As Três Irmãs*, 2016) e Lígia Roque (*Assim que passarem 5 anos*, 2017). Em 2017, encena *FECTUS_ Um ponto de vista feminino*, projecto em colaboração com Espaço MIRA.

Acabada a licenciatura, estreia-se no meio profissional acompanhando *Días Hábiles* de Alfredo Martins e Rui Santos. Arranca 2018 com a Direção Artística do Festival de Teatro *Filhos do T*, inaugurando o mesmo com o espetáculo *Dolorosa*, criação e interpretação conjunta com Sara Neves.

Em Junho desse mesmo ano, estreia-se como dramaturga com o espetáculo *AUGUSTO, Uma Ode às Mulheres-Cidade*, que a leva a integrar a primeira turma da Pós-Graduação de Dramaturgia e Argumento, coordenada por Jorge Louraço.

Em 2019, enquanto dramaturga, vê o seu texto *Canção Orquestral a duas e muitas vozes*, ser dirigido por Nuno M. Cardoso, em Peças Novas, no TNSJ.

Carlos Adolfo Lourenço Matias

Músico

Desenvolve desde 1985 actividade como compositor de bandas sonoras e sonoplastias para teatro, tendo trabalhado com Teatro Art'Imagem, TEP, Ninho de Víboras, Teatro Regional da Serra do Montemuro, Teatro Oficina, Teatro da Palmilha Dentada, Limite Zero, e Astro Fingido, Teatro da Rainha.

Foi músico dos Vai de Roda, Jig, Folk Off. Compositor e músico do projecto musical Lufa-Lufa estreado em Abril de 2005 com o qual grava em 2010 o álbum "Foledad".

Em Outubro de 2012 estreia o projecto musical LO Orquestra da Lavandaria (utilizando instrumentos brinquedo).

Realiza ateliers de expressão musical com crianças.

Samuel Pascoal

Actor e tradutor

Natural do Porto. Licenciou-se em Línguas e Culturas Orientais pela Universidade do Minho, tendo posteriormente concluído o mestrado em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e uma pós-graduação em Língua e Cultura Chinesa pela Universidade de Nankai (Tianjin, China). Frequentou a Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo, diversas oficinas de teatro promovidas pelo Teatro Nacional de S. João e pelo Centro Cultural Ácaro Contagiarte. Entre 2009 e 2015 dirigiu artisticamente diversos projetos de teatro amador em paralelo com projetos profissionais, desenvolvendo, hoje em dia, oficinas de teatro ocasionais com crianças e jovens. Na China, integrou o grupo de teatro universitário chinês Xiang Yu, lecionou língua portuguesa na Universidade de Nankai e integrou o painel de convidados do programa diário *A Visão dos Estrangeiros*, na estação de rádio Binhai. Em 2016 foi distinguido com o prémio internacional de «Melhor Performance Artística», pelo concurso internacional de língua chinesa *Chinese Bridge*, em Hunan, China. Como tradutor, destacam-se as suas traduções das peças de teatro “Hanjo” e “Senhorita Aoi”, do escritor japonês Yukio Mishima. Atualmente tem vindo a colaborar com o Teatro Art’Imagem, tendo integrado as equipas artísticas de *Armazenados*, de David Desola (2018), *Maclet, de Shakespeare – peça coral*, dramaturgia de José Abreu Fonseca (2019), e *Noites Brancas*, de Fiódor Dostoiévski (2019).

Marta Silva

Cenógrafa

Nasceu em Braga, em 1976.

Cenógrafa, Docente de Cenografia na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do IPP desde 2002 e Coordenadora da Área de Cenografia da ESMAE desde 2012.

Licenciada em Teatro, variante Técnica e Produção Teatral, ramo de Cenografia (2001), na ESMAE/IPP. Frequentou o plano doutoral em Design no Deca/UA em parceria com a FBAUP/UP onde foi bolsista da FCT e onde obteve o Diploma de Estudos Avançados em Design (2011). Obteve o Título de Especialista em Cenografia (2012), na ESMAE/IPP.

Criou cenografias e /ou figurinos para Teatro e Ópera, encenadas por Ana Tamen, António Feio, António Durães, Alexei Chipenko, Alfredo Martins, Álvaro Correia, Denis Bernard, Catarina Costa e Silva, João Branco, José Caldas, José Leitão, Manuel Guede de Oliva, Marcelo Lafontana, Rui Madeira, entre outros. Trabalhou para as seguintes companhias de teatro e produtoras: A comuna Teatro de Pesquisa, Centro Dramático Galego (Espanha), HardtMachin Group (Bélgica), Companhia de Teatro de Braga, Teatro Art’Imagem, Teatro de Formas Animadas, Quinta Parede, Teatro Oficina, Círculo Portuense de Ópera e Associação dos Amigos do Coliseu do Porto, Guimarães – capital da Cultura, Teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser, Jangada Teatro e Cassefaz.

Programação 2018 – 2021

Memória(s), Território(s) e (R)evolução - 40 anos de atividade.

Em 2021 o Teatro Art' Imagem fará 40 anos de atividade teatral contínua, o que o torna numa das mais antigas estruturas artísticas da região norte e de Portugal. Tempo de balanço crítico para tão longo trajeto da companhia e dos elementos que, até aos nossos dias, nela empenharam o seu esforço profissional e artístico.

Nascida no Porto e até 2008 com o seu polo de criação na cidade, ocupámos depois um magnífico espaço em Águas Santas/Maia, culminando uma já longa e continuada colaboração com a Câmara Municipal da Maia, iniciada em 1994, que disponibilizou a Quinta da Caverneira para aí nos instalarmos. Foram (são) estes os primeiros territórios físicos, que habitámos e onde continuamos, a nossa "Casa e o Mundo". Dela partimos, primeiro para o desconhecido próximo, Portugal, depois para viagens mais ao largo. Não há distrito que não conheçamos mas falta-nos ainda (haverá tempo) descobrir dois continentes onde nunca estivemos com as nossas peças.

Para além deste território geográfico há outro, o do teatro, dos afectos artísticos e nesses o mundo já é todo nosso, graças aos Festivais Internacionais de Teatro que organizamos e onde Todo o Mundo participou. Os profissionais que fazem hoje parte do nosso grupo nuclear de criação/produção, bem como colaboradores com quem vamos regularmente trabalhando, abrangem várias gerações e vão dos 20 aos 70 anos, pelo que o desafio etário e a atenção criadora aos novos tempos (e aos velhos) são permanentes.

A inquietação cultural e a intervenção no meio obriga-nos a estar alerta, permanentemente, graças ao conhecimento que temos e à cumplicidade que mantemos com meio teatral português e aos nossos contactos e confrontos internacionais. "Todo o mundo é feito de mudança" e a aposta em novos criadores, nacionais e estrangeiros, está bem patente no nosso trajeto e especialmente no que projetamos para estes próximos quatro anos em que a juventude entra em força para ajudar a que o Teatro Art'Imagem seja uma estrutura de hoje. O passado só tem sentido, se os passos dados e que damos hoje abrirem caminhos para o futuro. É a nossa (R)evolução.

No domínio da criação artística, pilar fundamental da nossa atividade, continuaremos a privilegiar um trabalho a partir de repertório textual, dando uma grande importância à palavra: com releituras de dramaturgias universais: Shakespeare de quem em 2018 estreamos "Maclet – monólogo 1º andamento" a que se seguiu em Maio deste ano, "Maclet – peça coral"); António Aragão com Desastre Nu que estaremos no início de 2020; um trabalho de aproximação ao universo dramático do país vizinho com um texto em castelhano "Armazenados" do catalão David Desola, interpretado por dois atores um deles galegos num espetáculo bilingue Português-Galego que estreamos no final de 2017; e uma peça da autora galega Vanesa Sotelo, também bilingue com atores portugueses e galegos, que estreará em final de 2020; e este clássico russo, "Noites Brancas" de Dostoiévski.

Ainda no universo das criações, para além da recente estreia "Os Anos que Abalaram o (nosso) Mundo!" a segunda incursão na trilogia «Identificação do meu país!» que se iniciou em 2017, com "O Fascismo Aqui (nunca) Existiu!", um teatro mais interventivo, político, épico na

continuidade de uma estética desenvolvida desde sempre pela companhia. Daremos continuidade, apresentando a terceira peça “(Ai) o medo de existir!” em 2021.

Em 2021, ligando com o aniversário dos 40 anos da companhia homenagearemos um autor prestigiado a nível nacional, que nasceu e viveu na Maia, Fernando Campos, falecido recentemente, com a peça “A Sala de Perguntas”.

O que mais distingue e originaliza o trabalho desta companhia: um compacto grupo de profissionais que só fazem teatro, o que permite aliar a criação a uma programação intensa que nos liga ao meio teatral português e internacional, estrategicamente, transformando-nos num pequeno centro dramático à maneira de Jean Vilar e do seu teatro popular com forte implantação no meio (Maia/Porto), daí partindo para o país e o mundo. Aliamos também formação e sensibilização de públicos nas nossas atividades complementares, o que só uma companhia estável pode assegurar.

O Teatro Art' Imagem é das poucas companhias de repertório cujas criações vão além de meia dúzia de espetáculos em pequenas temporadas. Mantemos as nossas peças em itinerância, como o prova a atualidade. Esse propósito e essa prática permitem à companhia ter em cena vários espetáculos diferentes, durante anos. Sinal expressivo da inequívoca dedicação, profissionalismo e capacidade. Esta companhia organiza Ainda dois festivais internacionais de teatro, “Festival Internacional de Teatro cómico da Maia” e o “FAZER A FESTA – Festival Internacional de Teatro para a Infância e Juventude” que é inédito e único em Portugal, um com 24 anos de atividade e outro com 38. As nossas criações são abrangentes de várias disciplinas e estéticas teatrais, acolhendo energias artísticas de diferentes naturezas, para atingir públicos variados e vastos.

Todas as criações/atividades estão ligadas a valores universais que questionam o mundo, o lugar e o papel do homem, a função da arte e do artista, da própria companhia e comunidade. Encontra-se isto projetado na atividade comunitária, nas ações de sensibilização e formação, captando novos públicos para usufruto da cultura e uma cidadania mais participativa.

Os Festivais são momentos importantes, artística e socialmente, permitindo aos artistas conhecer estéticas diversas de outros locais do país e estrangeiro - uma fonte importante de conhecimento e atualização do seu labor - e aos espectadores, enriquecendo-os cultural e socialmente. A constante circulação pelo país, que ao longo destes últimos anos ajudou a formar uma rede nacional de apresentação regular de espetáculos teatrais, descentralizou o usufruto e contribuiu para a fixação de estruturas e pessoas que ajudam ao desenvolvimento local e à correção das assimetrias regionais.

O Art'Imagem reúne um trabalho com mais de 38 anos e mais de 112 criações, é uma das companhias portuguesas que mais espetáculos apresentou no estrangeiro, criando uma forte solidariedade e cumplicidade com a maior parte do tecido cultural português e internacionalmente que lhe permite realizar a sua atividade de uma forma continuada. Este grande número de representações próprias e as programações regulares são importantes contributos para o cartaz de espetáculos na Maia, na região Norte e em todo o território nacional e internacional.

Consideramos que o nosso horizonte tem sido alcançado, com excelência potenciando a relação do Teatro com a cidade e com o país, desenvolvendo um polo cultural de qualidade na Quinta da Caverneira em Aguas Santas, suscitando novos hábitos e necessidades culturais, sentido crítico e interesse pelo teatro do público em geral e do público jovem em particular, graças ao Protocolo que mantemos com a Câmara Municipal da Maia.